

FACULDADE LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CICERO GOMES DOS SANTOS NETO

**ANÁLISE DE CONTIGÊNCIAS NAS BRINCADEIRAS INFANTIS
CARIRIENSES**

JUAZEIRO DO NORTE-CE
2011

CICERO GOMES DOS SANTOS NETO

**ANÁLISE DE CONTIGÊNCIAS NAS BRINCADEIRAS INFANTIS
CARIRIENSES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a coordenação de Psicologia da Faculdade Leão Sampaio, como requisito para obtenção do grau de Bacharel.

Orientador: Prof^o Esp. Natalie Brito Araripe

JUAZEIRO DO NORTE-CE
2011

ANÁLISE DE CONTINGÊNCIAS NAS BRINCADEIRAS INFANTIS CARIRIENSES

Cicero Gomes dos Santos Neto¹
Natalie Brito Araripe²

Resumo

O objetivo geral deste artigo é o de analisar funcionalmente as contingências presentes em brincadeiras regionais do Cariri. Para tanto, é relevante descrever o percurso de desenvolvimento da análise do comportamento voltado para questões ligadas à criança, desenvolvimento infantil e comportamento de brincar, através da literatura vigente. De forma geral, o comportamento de brincar facilita a comunicação estabelecida entre o psicólogo – criança e favorece a aquisição e modelação de novos comportamentos. É de grande relevância buscar novos meios para trabalhar com este público. Não obstante, devemos produzir novas práticas contextualizadas de acordo com as realidades dos sujeitos, e é nesse intuito que serão feitas as análises funcionais das brincadeiras Caririenses. Foi realizada uma pesquisa documental de cunho qualitativo, utilizando a análise funcional como instrumento de análise. O objeto de estudo são as brincadeiras Caririenses, que foram colhidas em um livro intitulado “Folguedos Infantis Caririenses”, de José de Figueiredo filho. Constatou-se que as contingências analisadas são relevantes para o estabelecimento de ocasiões voltadas para a inserção de crianças em novas contingências, possibilitando a ampliação de seu repertório comportamental e a aperfeiçoamento de habilidades importantes para seu desenvolvimento.

Palavras – Chave: Análise do Comportamento. Análise funcional. Brincadeira.

Abstract

The objective of this paper was to analyze functionally the contingencies present in the regional games in Cariri Region. Therefore, it is important to describe the course of development of the behavior analysis focused on issues related to child, child development and behavior of the playing through the current literature. In general, the behavior of playing facilitates communication established between the psychologist - child and it encourages the acquisition and modeling new behaviors. It is very important to seek new ways to work with this audience, however, we might produce new practices contextualized according to the realities of the subject, and this order is to be made functional analysis of the games Caririenses. We performed a qualitative documentary research, using the functional analysis as an analytical tool. The object of this study are games from Cariri, which were collected in a book titled "Folguedos Infantis Caririenses" from José de Figueiredo filho. It was found that the contingencies are considered relevant to the establishment of occasions focused on the inclusion of children in new contingencies, permitting the expansion of their behavioral repertoire and the development of important skills for their development.

Keywords: Behavior Analysis. Functional Analysis. Play.

1 INTRODUÇÃO

¹ Discente do curso de Psicologia da Faculdade Leão Sampaio, FALS. E-mail: ciceroneto3331@hotmail.com

² Psicóloga. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Docente do curso de Psicologia da Faculdade Leão Sampaio, FALS. E-mail: brito.natalie@gmail.com.

Este estudo tem como objetivo realizar análises funcionais de brincadeiras caririenses colhidas no livro “Folguedos Infantis Caririenses” de José de Figueiredo filho, tendo como base teórica referências da análise do comportamento.

A terapia Analítico-Comportamental infantil tem como pressupostos teóricos a filosofia do behaviorismo radical e a análise do comportamento (VASCONCELOS, 2001). O Behaviorismo Radical surgiu a partir das formulações de Skinner para entender o comportamento humano através do método científico, tendo os comportamentos públicos e privados como objeto de estudo (MARÇAL, 2010).

Para Skinner (1953/1998, 1974/2003 apud EMÍDIO; RIBEIRO; DE-FARIAS, 2009, p.367), “A Análise do Comportamento é um ramo da ciência que pressupõe que os comportamentos dos indivíduos estão sob controle de variáveis ambientais”. Sendo assim, para o behaviorismo radical o comportamento é multideterminado, sendo que os comportamentos são interações do organismo com o ambiente. Comportamentos esses que envolvem sentimentos, pensamentos e emoções também (VIVA, 2006).

O foco central da realização deste trabalho é o de analisar funcionalmente as contingências presentes em brincadeiras regionais do Cariri, a fim de oferecer uma nova fonte de recurso lúdico para a atuação do psicólogo na área infantil. O comportamento de brincar é um meio que favorece a criança vivenciar vários ambientes diferentes, entrando em contato com os diversos tipos de contingências sejam elas de reforço ou punitivas. Assim o brincar é um poderoso instrumento para análise do comportamento uma vez que possibilita o aprendizado e a modelação de novos comportamentos (DE ROSE; GIL, 2003).

O tema deste trabalho é inédito na região do cariri e relevante para o desenvolvimento de práticas contextualizadas com as realidades dos sujeitos, uma vez que profissionais e educadores poderão se utilizar dos resultados deste trabalho para o desenvolvimento de práticas preventivas e de promoção da saúde.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Análise do comportamento

De acordo com Meyer (2003, p.76), “a análise do comportamento está interessada nas relações entre os eventos ambientais (os estímulos) e as ações do organismo (as respostas)”. A identificação dessas relações é chamada análise funcional, a principal ferramenta para o

trabalho do psicólogo analítico-comportamental. Matos (1999) relata que fazer uma análise funcional é analisar e descrever as contingências responsáveis pela manutenção de comportamentos ou pelas mudanças ocorridas nestes. Em suma, realizar uma análise funcional é buscar o valor de sobrevivência, a função do comportamento para o indivíduo.

[...] a análise estará voltada para o reconhecimento da múltipla e complexa rede de determinações de instâncias de comportamento, representada pela ação em diferentes níveis (filogênese, ontogênese e cultura) das consequências do comportamento sobre a probabilidade de respostas futuras da mesma classe (NENO, 2003, p.153).

Essa ação das consequências em três níveis refere-se a seleção pelas consequências, pressuposto central na análise do comportamento. Para Skinner (2007 [1981]) da mesma forma que os reflexos e reações fisiológicas foram selecionados pelas consequências evolutivas, os comportamentos operantes são selecionados pelas consequências que produzem, e as práticas culturais são selecionadas através das consequências culturais. Conforme Matos (1999), a análise do comportamento considera relevantes os três níveis de seleção para a aquisição e mudanças nos comportamentos, e ao mesmo tempo rejeita que o comportamento seja casual, promovendo uma explicação do comportamento através de relações contingenciais.

O termo contingência é usado neste trabalho como “qualquer relação de dependências entre eventos ambientais ou entre eventos comportamentais e ambientais” (SKINNER, 1953; 1969; TODOROV, 1989 apud SOUZA, 2001, p.91). Dessa forma, o sujeito tem uma postura ativa no contexto no qual está inserido, pois tanto seus comportamentos podem alterar as contingências ambientais como as contingências podem afetar seu repertório comportamental.

Para Todorov (1985 apud SOUZA, 2000, p.126), “A identificação e o controle de variáveis das quais o comportamento é função, tarefas básicas da Análise do Comportamento, tem no conceito de contingência, especialmente o de contingência tríplice um poderoso instrumento de análise”. Ou seja, levando em consideração uma contingência de três termos, é fundamental especificar o contexto ou as condições onde o comportamento ocorreu (antecedentes), a respostas esperadas do indivíduo em determinadas situações (comportamento) e suas consequências das relações estabelecidas entre o sujeito e o ambiente (MATOS, 1999).

2.2 Análise do comportamento aplicada

A primeira aplicação da análise experimental do comportamento em contextos aplicados foi denominada Modificação do Comportamento. Seu enfoque estava nos comportamentos problemas e na aplicação de técnicas para solução destes. Neste primeiro momento, houve uma tentativa de trazer o modelo do laboratório para a clínica (GUEDES, 1993). Para Carmo e Haber (2007, p. 49),

[...] a modificação do comportamento utilizava os princípios da aprendizagem, a fim de alterar comportamentos específicos, geralmente públicos, levando em consideração apenas os eventos antecedentes e conseqüentes, sem avaliar questões que envolvessem a relação da criança com os pais e destes com o terapeuta e outras variáveis do contexto.

Devido à superficialidade da modificação do comportamento em relação ao atendimento infantil, configuraram-se novas formas de trabalhar com a criança, visando abranger as relações em seus diversos contextos. Porém é importante salientar que esse primeiro momento foi fundamental para o desenvolvimento de técnicas comportamentais. Sobre o mesmo, Gadelha e Meneses (2004, p. 59), afirmam que:

[...] em 1960, a terapia comportamental infantil firmou-se como modelo psicoterápico. A partir desse momento, o comportamento da criança passou a ser analisado funcionalmente em relação a seu ambiente (por exemplo, os ambientes familiar e escolar). Assim, a criança deixou de ser coadjuvante e passou a ter muita importância no processo terapêutico; seu mundo privado passou a ser analisado e, portanto, considerado relevante.

Vasconcelos (2001) relata que nas últimas quatro décadas a intervenção comportamental infantil tem avançado bastante, no entanto, essas intervenções comportamentais têm sido realizadas a partir de uma diversidade de enfoques (tomemos como exemplo as diferenças entre terapia analítico-comportamental e a terapia cognitivo-comportamental). Portanto, ressalta-se o enfoque trabalhado nesse artigo, o analítico-comportamental.

Um dos campos de aplicação da análise do comportamento na área voltada à infância é a terapia analítico-comportamental infantil. Para Watson e Gresham (1998 apud VASCONCELOS, 2001, p.340), “a denominação terapia analítico-comportamental infantil (TACI) tem sido utilizada por muitos autores para especificar a terapia infantil orientada pelos pressupostos do behaviorismo radical e da análise do comportamento”. A TACI busca manipular contingências para que haja uma ampliação do repertório comportamental da criança, possibilitando uma generalização dos ganhos aos diversos contextos e buscando diminuir as contingências aversivas no contexto da criança (VASCONCELOS, 2001).

Para que se realize uma intervenção eficaz na TACI é de fundamental importância a realização da análise funcional. A aplicação desta permite o planejamento de uma intervenção

contextualizada com a realidade do sujeito, pois permite conhecer a ampla rede de contingências que mantêm os comportamentos problemas e favorece para um novo arranjo de contingências para a aquisição de novos comportamentos (MOURA; GROSSI; HIRATA, 2009). “Também é importante planejar a intervenção de forma que ocorra a generalização dos comportamentos desejáveis para o maior número de ambientes, e que estas modificações se mantenham a longo prazo e sem efeitos colaterais” (CARMO; HABER 2007, p. 52).

Outro contexto fértil de aplicação da análise do comportamento infantil é o escolar. Para Bijou (2006 [1970]) os princípios da análise do comportamento são fundamentais no contexto escolar, na medida em que oferecem um meio científico de identificar, analisar e promover melhores condições de ensino aos alunos. Através de suas ferramentas de investigação, e intervenção favorece a aquisição de comportamentos contextualizados com a realidade dos indivíduos, permitindo o arranjo de contingências para a ampliação dos comportamentos acadêmicos e socialmente aceitos, favorecendo assim, para diminuição dos comportamentos indesejados.

Cientes dos contextos mais comuns nos quais o analista do comportamento trabalha com crianças e da importância da análise funcional nesses contextos, tem-se articulada uma base teórica que serve como justificativa para a realização desse artigo. A fim de que se especifique mais aspectos dessa interlocução, serão operacionalizados abaixo os entendimentos do desenvolvimento infantil e do comportamento de brincar para a análise do comportamento.

2.3 Desenvolvimento infantil para análise do comportamento

Trabalhar com crianças é uma tarefa complexa, levando em consideração todas as particularidades destas. Conforme Moura e Venturelli (2004, p.19), a “compreensão do problema e do ambiente pode sofrer ampla variação, dada a idade e características de seu desenvolvimento”. Além destes dois fatores supracitados, outro ponto que dificulta é o modo como as crianças chegam ao psicólogo. Elas são vistas como detentoras do comportamento problema e não sabem ao menos o motivo de estarem neste ambiente (DEL PRETTE, 2006).

Para os analistas do comportamento Rosales-Ruiz e Baer (1996 apud VASCONCELOS; NAVES; ÀVILA, 2010, p.126) o termo desenvolvimento é,

[...] um processo de individualização, em que mudanças nas interações organismo-ambiente podem ser progressivas ou regressivas, o que não resulta em uma única direção que levará necessariamente ao aprimoramento ou a uma maior complexidade do repertório comportamental.

Para uma melhor compreensão do desenvolvimento nesse enfoque, é necessário visualizar o comportamento sob a ação dos três níveis de seleção, “filogenético (características genéticas presentes em uma determinada espécie transmitidas de uma geração a outra), ontogenético (histórico de aprendizagem de um indivíduo particular) e cultural (transmissão de práticas culturais ao longo das diferentes gerações)” (VASCONCELOS; NAVES; ÀVILA, 2010, p.126). O repertório comportamental do indivíduo está alicerçado nestes três níveis de seleção, sendo a interação destes fundamental para o desenvolvimento da criança. Outra explicação fundamental para a compreensão do desenvolvimento da criança, nesse enfoque teórico, é a do comportamento de brincar, que será especificada abaixo.

2.4 O conceito de brincar para análise do comportamento

De acordo com Aguilar e Del Valle (2005, p.447), “Brincar é um comportamento recreativo, lúdico, de entretenimento e no mínimo, reforçador em si mesmo”. Assim o comportamento de brincar é definido neste trabalho como o conjunto de atividades lúdicas, que forneça à criança um ambiente cheio de possibilidades. Para Bomtempo (1999), o brincar é um objeto cultural e mediador das relações, sendo de fundamental importância para o desenvolvimento e comunicação da criança.

Conforme Guerrelhas, Bueno e Silveiras (2000) no atendimento psicológico infantil, os terapeutas sempre incluem o brincar como uma ferramenta importante para o processo terapêutico. Por facilitar a comunicação e fornecer um ambiente reforçador para criança, a brincadeira contribui para uma melhor avaliação e intervenção. Del Prette disserta sobre o tema, afirmando que:

[...] possivelmente por suas diferentes funções e importância, o brincar passou a fazer parte das práticas de Psicoterapia Infantil, inicialmente em abordagens como a Psicanálise, a Psicologia Humanista, a Gestalt-terapia e, também, na abordagem Comportamental. Convém salientar que essa atenção dada ao brincar não se constitui propriamente uma novidade na abordagem comportamental. Já na década de 60, Ferster (1966), em um estudo que se tornou célebre, descreveu e analisou funcionalmente o atendimento de uma menina autista de quatro anos de idade e ressaltou o papel do uso do brinquedo como um facilitador da interação criança-terapeuta. (DEL PRETTE, 2006, p.3).

Conforme Bomtempo (1999, p.55), “o conteúdo do brincar de faz-de-conta em seus vários aspectos como relações e interações sociais, utilização dos brinquedos, a verbalização e os temas mostram como a realidade social da criança é refletida no seu brincar”. Esse ambiente facilitará a reprodução de seu cotidiano e dessa maneira contribuirá para coleta de

informações relevantes no processo terapêutico, dada as limitações de cada criança (desenvolvimento e idade) (MOURA; VENTURELLI, 2004).

O papel das atividades lúdicas na terapia comportamental infantil é contribuir, entre outras coisas, para: 1) diminuir relações coercitivas entre a criança e seus pares etários e entre ela e os adultos- pais, pais e professores ou outros; 2) desenvolver habilidades diversas e 3) fomentar comportamentos de interesse clínico durante a sessão (SILVARES; SILVEIRA, 2003, p. 274).

Sendo assim, o comportamento de brincar torna-se imprescindível ao atendimento infantil, sendo necessário o psicólogo possuir repertório lúdico para uma melhor atuação com a criança. Para Banaco (1999) e Wielenska (1995), é importante salientar que o psicólogo analítico-comportamental deve ter uma postura empática, não punitiva durante a sua intervenção e principalmente nas intervenções iniciais, nas quais o vínculo com o outro estará sendo estabelecido.

Para De Rose e Gil (2003, p.375), “[...] o brincar também fornece oportunidades para modelar, diferenciar e refinar habilidades, maximizando reforçadores positivos e minimizando consequências aversivas”. Os autores supracitados ainda chamam a atenção para o poder do brincar para ensinar novos comportamentos. Todas essas utilidades do comportamento de brincar são fundamentais para a efetividade de todo processo terapêutico.

O comportamento de brincar favorece também o desenvolvimento da criança, uma vez que este funciona como uma cunha comportamental. Rosales-Ruiz e Baer (1997 apud DE ROSE; GIL, 2003, p.375),

[...] usaram o termo “cunhas comportamentais” (behavioral cusps) para distinguir um tipo de classe comportamental que expõe o indivíduo a novas contingências, as quais, por sua vez, abrem oportunidades para aquisição de comportamentos novos e significativos que tem efeitos em longo prazo sobre o desenvolvimento comportamental.

Uma vez que um dos objetivos de uma intervenção analítico- comportamental com a criança é a promoção da construção de um repertório comportamental (VASCONCELOS, 2001), podemos inferir que o entendimento do brincar como uma cunha comportamental é importantíssimo. Tal asserção se justifica pelo fato de que uma vez que o comportamento de brincar vai expor a criança a novas contingências, que ajudará no desenvolvimento do processo psicoterápico e sua adaptação social.

Não obstante, o brincar pode ser entendido como um comportamento operante, na medida em que oferece mudanças no ambiente da criança e oferece possíveis repertórios comportamentais que podem ocorrer em contextos ou situações semelhantes. De acordo com Benvenuti e Carvalho Neto (2010, p.19), “O comportamento operante causa a mudança ambiental subsequente ao responder e contribui para a construção de relações

comportamentais, mudando a probabilidade de uma resposta ocorrer no futuro em condições similares”. Assim, o comportamento de brincar estaria exposto aos mesmos princípios do comportamento operante, como a seleção por consequências.

Assim o brincar é um recurso muito rico para ser trabalhado dentro dos diferentes contextos. Conforme Bomtempo (1999, p.53),

[...] dentro de uma mesma cultura, crianças brincam, com temas comuns: educação, relações familiares e vários papéis que representam as pessoas que integram essa cultura. Os temas, em geral, representam o ambiente das crianças e aparecem no contexto da vida diária. Quando o contexto muda, as brincadeiras também mudam.

Em suma, além da pluralidade de possibilidades o brincar é um meio de se estabelecer o vínculo com a criança e coletar informações relevantes para as possíveis formulações de intervenções. O brincar é um ambiente onde o terapeuta e o cliente “falam a mesma língua”, e ao mesmo tempo é um ambiente reforçador para criança o que favorece o seu engajamento ao processo da intervenção.

2.5 Brincadeiras regionais do Cariri

As brincadeiras regionais do cariri, base para a realização dessa pesquisa, são muitas, porém não são exclusivas desta região. No entanto, assumem particularidades de acordo com os sujeitos e o ambiente onde são realizadas, além de sofrerem modificações em suas formas de brincar e podem até mesmo entrar em extinção devido aos avanços e progressos da sociedade (FIGUEIREDO FILHO, 2010).

São muitas as brincadeiras presentes nesta região, algumas delas têm um período específico no ano, sendo muitas vezes divididas em brincadeiras de meninos e meninas. Um exemplo de brincadeira de meninos é o jogo de castanhas e de meninas é o brincar com a boneca; outros exemplos de brincadeiras regionais são: cavalo-de-pau, raia ou papagaio de papel, buraco, castelo, bicheira, jogo de peteca, caipira e cobrinha, boca de forno, cantigas (exemplo; a barca virou), pião (FIGUEIREDO FILHO, 2010).

Acredita-se que ao explorar funcionalmente as brincadeiras regionais, esse artigo possa oferecer um modelo de possíveis contingências a serem trabalhadas no contexto educativo ou terapêutico com crianças da região.

3 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa documental de cunho qualitativo, uma vez que esta possibilita uma melhor compreensão do objeto de estudo, na medida em que não visa mensurar eventos e sim buscar uma visão ampla do objeto de estudo dada a realidade na qual está inserido (NEVES, 1996).

O objeto de estudo são as brincadeiras infantis Caririenses. A análise dos dados será feita através da análise funcional. Fazer uma análise funcional é identificar e descrever as relações presentes nos diversos comportamentos (MATOS, 1999).

Para isso, foram analisadas as brincadeiras colhidas no livro “Folgedos Infantis Caririenses” de José de Figueiredo Filho. Este livro teve sua primeira edição publicada em 1966, sendo que uma coedição foi lançada em 2010 pela secretaria de cultura do Estado do Ceará (Secult), com o objetivo de oferecer aos estudiosos e moradores da região uma fonte de informação a respeito das particularidades regionais. O livro é resultado da monografia de José de Figueiredo filho, sendo construído a partir de sua observação direta e da contribuição de varias pessoas que residiam e conheciam os hábitos e costumes da região do cariri e tem o intuito de divulgar as particularidades regionais e as mudanças desta temática (FIGUEIREDO FILHO, 2010).

Foram selecionadas seis brincadeiras do livro “Folgedos Infantis Caririenses”. Para a escolha dessas, utilizamos o critério de brincadeiras que continuam sendo realizadas pelas crianças: cavalo de pau, papagaio de papel (raia ou pipa), jogo de castanhas, pião, boca de forno e boneca. São brincadeiras comuns na região do Cariri e que podem ser conhecidas com nomes deferentes em outras regiões, no entanto algumas são sazonais como é o caso da Pipa, pião e jogo de castanhas e as outras são realizadas durante o ano todo. Quanto à realização pode-se ser individual ou coletiva e ambos os sexos participam (FIGUEIREDO FILHO, 2010).

Vasconcelos e colaboradores (2008) em seu livro Brincando com histórias infantis: uma contribuição da Análise do comportamento para o desenvolvimento de crianças e jovens ,faz a identificação e discussão de contingências na literatura infantil, que são relevantes para trabalhar comportamentos problemas e dessa forma produz uma nova maneira para profissionais e educadores trabalharem com crianças. Assim a realização deste trabalho possibilita identificar contingências relevantes em brincadeiras infantis, para a intervenção com crianças.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação das análises funcionais - *Sd*, comportamentos referentes da criança e consequências. O *Sd* sinaliza as condições para a brincadeira acontecer, os comportamentos referentes da criança são os comportamentos da criança dada as regras da brincadeira e as consequências são a relação entre os comportamentos referentes da criança e as condições que a brincadeira aconteceu (ambiente).

Ilustraremos e discutiremos, abaixo, as análises funcionais das brincadeiras selecionadas.

Brincadeira 1: Cavalo de pau		
<i>Sd</i>	Comportamentos referentes da criança	Consequências
Cabo de vassoura, com uma cabeça de cavalo, feita de plástico ou EVA grudada na ponta. Um participante da brincadeira é responsável por dar o comando, “através de assovios ou contar até três e todos partem aos galopes e às carreiras e o mais resistente e mais veloz torna-se o campeão” (FIGUEIRENDO FILHO, 2010, p.37).	Montar Correr Imitar o cavalo Interagir Conhecer animais	Ganhar a corrida, elogios (R+ social) Prazer

O fato de o cavalo de pau ser confeccionado pelas crianças durante a brincadeira possibilita a interação social e o fortalecimento de vínculos, promovendo assim habilidades sociais importantes para o desenvolvimento. Durante o processo de construção do cavalo de pau, a criança pode ser instruída sobre cuidados que deve ter com os animais e com a natureza de forma geral. De acordo com Vasconcelos et al. (2008), essas relações com a natureza e animais durante atividades lúdicas favorecem o surgimento de comportamentos responsáveis com o meio ambiente, além de possibilitar o conhecimento de animais.

Para Figueiredo Filho (2010, p.35), “Não importa a sua espécie. Poderia ser de vara de marmeleiro, de vergôntea de algodão ou de talo de carnaúba. O que importa é o termo genérico: cavalo de pau. Pois o cavalo de pau representou na vida das populações rurais do nordeste brasileiro um grande papel”. Conforme o autor supracitado, o cavalo era um elemento muito importante para as populações rurais, devido as suas varias funções desde juntar o gado até servir de transporte. Assim, esta brincadeira possibilita que a criança entre em contato com novas contingências, configurando-se como uma cunha comportamental (*behavioral cusps*), pois ao imitar o cavalo desde seu galope aos sons que este emite,

promoverá a longo prazo o favorecimento para o refinamento do comportamento verbal, de cuidados com animais e de comportamentos motores.

Brincadeira 2: Papagaio de papel ou raia (pipa)		
<i>Sd</i>	Comportamentos referentes da criança	Consequências
Dia de verão Locais altos Utiliza-se para a confecção, um carretel de linha zero, papel de variadas cores (seda), taliscas de folha de coco, linha, grude de goma. Primeiro faz a confecção da grade de taliscas, amarrando umas nas outras com linha de carretel. Depois cobre o esqueleto com o papel e amarra uma linha forte na talisca inferior lateral, para dar-lhe uma curvatura. Outra linha frouxa partia do ápice para a base, onde era amarrada alinhada que sustentava e acionava o papagaio no voo (FIGUEIREDO FILHO, 2010).	Montar o papagaio Empinar o papagaio Correr para pegar o papagaio	Ganhar o papagaio do outro (R+ social) Interagir (R+ social) Pegar mais linha

O principal objetivo é empinar seu papagaio (raia ou pipa) o mais alto possível ganhando assim a admiração tanto das crianças como de adultos que passam nos locais propícios ao seu desenvolvimento. Dentro dessa brincadeira há construção de regras pelos próprios participantes sendo repassadas e cumpridas por todos que participam, favorecendo o fortalecimento de repertórios comportamentais de seguir regras. A longo prazo pode contribuir para favorecer comportamentos pró-sociais. Além de favorecer a criança uma boa autoestima devido ao reforço social que esta recebe durante a brincadeira.

A própria confecção do papagaio oferece à criança a possibilidade de aprender comportamentos motores finos, durante o recorte, a colagem e montagem da estrutura. Assim ajudará na aquisição de um comportamento que é essencial para o desenvolvimento de outros repertórios comportamentais, o que remete novamente ao conceito de *cusps*.

O comportamento de competição é outro que pode ser identificado nesta brincadeira, pois de acordo com Figueiredo Filho (2010), muitos meninos amarravam objetos afiados no rabo de seus papagaios ou raias para derrubar e pegar o do outro. Conforme De-Farias (2005, p.275), “[...] diferentes situações envolvem diferentes necessidades, objetivos, custos, regras, dentre inúmeros outros fatores influenciadores da escolha por [...] competir”. Assim o comportamento de competir pode expor a criança a situações de perda, dadas as condições que o influenciaram, ou eliciar sentimentos negativos como raiva. Contingências de esquiva e punição podem estar presentes. Porém favorece o fortalecimento do repertório de enfretamento de condições aversivas e também do aprimoramento de resistência a extinção.

Brincadeira 3: Jogo de castanhas (jogo de bilas)		
<i>Sd</i>	Comportamentos referentes da criança	Consequências
<p>“As castanhas eram sempre contadas às dúzias”(FIGUEIREDO FILHO, 2010, p.59). “Fazia-se o castelo de castanha grande, bojuda, esfregada repetidamente em laje, para ficar ereto em qualquer terreiro ou calçada” (FILHO, 2010, p.59). Estabelecem se a jogada seria só de uma vez, ou de três, a fim de derrubar o castelo ou atingir o buraco. Empenhar um certo numero de castanhas a cada partida (FILHO, 2010)..</p>	<p>Atingir o buraco. Derrubar o castelo (castanha em pé). Seguir regras Coordenar movimentos visuais e motores</p>	<p>Ganhar as castanhas apostadas Melhorar pontaria</p>

Segundo Figueiredo Filho (2010), o jogo de castanhas não ocorre durante o ano todo sendo seu período entre outubro e dezembro na região cariense devido à safra do cajueiro ser neste período. Conforme o autor supracitado as castanhas vem aos poucos sendo substituída pelas bilas de metais ou de vidro. De acordo com Antunha (2010, p. 37), “Sob formas multi-variada, ambas surgem da manifestação popular e através desta se mantém coesamente organizadas”.

Pode-se identificar que estão presentes nas contingências a construção de regras para conseguir atingir o objetivo e a cooperação entre os participantes nos grupos para que a brincadeira tenha seu objetivo alcançado. No entanto, também estão presentes contingências de competição, cujas particularidades já citamos.

Sobre o comportamento de seguir regra, torna-se importante a aquisição de tal repertório, a fim de que haja uma maior probabilidade de generalização dessa resposta para outros contextos, como os relacionados com atividades diárias das crianças em relação aos seus hábitos em casa e aos seus comportamentos relacionados ao desempenho escolar e relação com pares sociais. Ressaltando, também, a importância desse repertório para o seguimento de conselhos dos pais e regras que são estabelecidas, como horário para dormir, comer, fazer as tarefas escolares.

Essa brincadeira favorece, também, o desenvolvimento do repertório óculo-motor, pois de acordo com Oliveira (2009, p. 43), “A coordenação óculo-manual se efetua com precisão sobre a base de um domínio visual previamente estabelecido ligado aos gestos executados, facilitando, assim, uma maior harmonia do movimento.” Como consequência existe a diferenciação dos diversos movimentos do corpo e a associação com outras funções motoras como a motricidade fina, ajuda na aquisição de novos comportamentos, corroborando novamente com o entendimento dos *cusps*.

Brincadeira 4: Pião		
<i>Sd</i>	Comportamentos referentes da criança	Consequências
<p>Pode ser jogado de forma individual ou coletiva. Há varias formas para o desenvolvimento do jogo. Pode-se fazer o torneio de pião entre duas ou mais crianças (FIGUEIREDO FILHO, 2010).</p> <p>“Faz um desenho circular no chão, cada um de per si atira o pião naquele alvo e o que mais se aproxima do centro fica com o direito de atirar seu pião no do companheiro, cujo brinquedo ficou mais afastado do alvo. Ao pião que fica no chão, vencido, chama-se de morto. Além de servir de pontaria é empurrado com o pião aparado pelo vencedor que o atira sobre o outro, ate as proximidades do alvo” (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p.66).</p>	<p>Jogar o pião Aparar o pião Fazer o pião dormir</p>	<p>Ganhar a competição Ganhar atenção Melhorar pontaria Aprender movimentos finos</p>

O brincar de pião é outro que tem seu período, ocorre de junho a dezembro, período que corresponde à estação seca, pois as condições climáticas são favoráveis ao seu desenvolvimento (FIGUEIREDO FILHO, 2010). Esta brincadeira pode ser realizada de forma individual ou em grupos, sendo, na maioria das vezes, realizada de forma coletiva onde existe a interação entre os participantes e assim o fortalecimento de habilidades sociais, favorecendo a socialização da criança.

Conforme Antunha (2010, p.39) o jogo de pião “[...] exige e desenvolve uma fina coordenação motora ao enrolar o cordão ou atirar o pião no solo”. Assim, essa brincadeira ainda favorece o desenvolvimento motor da criança, ajudando-a a fortalecer seu repertório comportamental para atividades a longo prazo que necessitem de uma boa coordenação motora.

É importante salientar que a aquisição de repertório de coordenação motora fina é essencial para a realização de tarefas diárias. Para Bretas et al. (2005, p. 407) “a aquisição dessa função contribuirá para a qualidade do autocuidado, pois quando isto não é possível as consequências sociais e psicológicas logo aparecem”. Assim está contingência maximiza os estímulos reforçadores e minimiza o contato da criança com estímulos aversivos.

Além disso, a brincadeira de pião pode servir de *cusp* também para a aquisição de repertórios que são requisitos para a escrita. Conforme Oliveira (2009) as situações onde o indivíduo realiza atividades de lança- pegar são essenciais para o processo de escrita, pois favorecem o aperfeiçoamento do campo visual e da motricidade fina.

Brincadeira 5: Boca de forno		
<i>Sd</i>	Comportamentos referentes da criança	Consequências
<p>Uma pessoa fica responsável por dar os comandos. Em voz alta são pronunciados os comandos para que todos os participantes ouvirem e cumprirem as ordens (FIGUEIREDO FILHO, 2010).</p> <p>“A meninada arrodeava a quem enfeixava o comando do folguedo, muitos já de carreira preparada:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Bôca de forno! -Forno. -Respondiam. -Tirando bôlo. -Bôlo. 	<p>Cumprir a ordem Procurar o objeto Correr</p>	<p>Ganhar o posto de comandante (Reforço positivo) levar uma dúzia de bolos (Punição positiva)</p>

-Jacarandá! -Já. -quando eu mandar? -Vou. -Remana, remana, quem fôr tirar uma flor no jardim de dona Amélia” (FIGUEIREDO, 2010, p. 77).		
---	--	--

Na brincadeira acima, observamos que a consequência para a perda é ganhar uma dúzia de bolos (tapas na mão). Na atualidade, as medidas punitivas são muito utilizadas para o controle imediato de comportamentos problemas, expondo assim o indivíduo a comportamentos aversivos, e isto é muito comum no âmbito educacional (TODOROV, 2001). Porém, essa utilização é perigosa por produzir a eliciação de respostas emocionais, respostas incompatíveis ao comportamento punido e o contracontrole. Dessa maneira a punição contribui para a aquisição de novos comportamentos indesejados e ao mesmo tempo limita o repertório comportamental do indivíduo (MEDEIROS; MOREIRA, 2007).

No entanto, sem a presença dessa contingência punitiva, a principal consequência da brincadeira seria ou ganhar ou perder. Já discutimos a relevância dessas duas consequências para o desenvolvimento da criança. Além disso, essa brincadeira também oferece excelentes ocasiões para o estabelecimento de regras e o cumprimento das regras, item que já fora comentado também anteriormente.

Brincadeira 6: Brincar de Boneca		
<i>Sd</i>	Comportamentos referentes da criança	Consequências
Copiar a vida de sua familiar E papeis sociais Boneca	Imitar comportamentos de outros pares sociais (de mãe, de professora...) Emitir comportamentos de empatia Conhecer responsabilidades Discriminar sentimentos e comportamentos. Expressar sentimentos	Prazer Reforço social Aprovação de um adulto

O brincar com bonecas é uma brincadeira muito rica devido a possibilidade de criar artificialmente contingências de dinâmica familiar, facilitando o desenvolvimento de novas

habilidades como o reconhecimento de responsabilidades e deveres, que terá futuramente assim como o enfrentamento de situações conflitantes. Esse é um meio pelo qual a criança expressa seus sentimentos e desenvolve seu comportamento de empatia, na medida em que vivencia o lugar do outro nas diversas situações.

A boneca toma vida na mão da criança que se apropria desse brinquedo e vivencia as situações cotidianas, como ir para o trabalho e para a escola, além de observar todas as fases de seu desenvolvimento. Conforme Figueiredo Filho (2010, p. 109), “A boneca passa por todas as cerimônias comuns a vida de adultos. Desde o batizado ao casamento e até a morte.” Possibilitando assim o fortalecimento de seu repertório comportamental para as diversas situações futuras, desde o contato e interação social aos sentimentos e emoções.

Outro ponto que pode ser trabalhado através destas contingências são os padrões de beleza e de consumo estabelecidos pela sociedade e o respeito das diferenças entre os diversos indivíduos. A boneca transmite e conduz a novas formas do consumismo devido a ampla divulgação nos diversos meios de comunicação, conduzindo ao mesmo tempo as crianças ao distanciamento da própria infância, transformando-as em adultos em miniatura (BOMTEMPO, 1999). Isso evidente na perfeição das roupas e do próprio corpo da boneca, assim como os demais acessórios que acompanham o vestuário da mesma.

Nesse enfoque, é relevante discutir com a criança a questão da imagem corporal que é transmitida pelas bonecas, assim como os demais valores que estar representa na sociedade capitalista. Pois a longo prazo poderão ser evitados comportamentos problemas como distúrbios alimentares e comportamentos compulsivos por compras.

5 CONCLUSÕES

Todas as brincadeiras produziram consequências de reforço para as crianças, ou no máximo, expuseram a criança a contingências de extinção, ao proporcionar o perder, exceto uma que produziu uma punição. Assim, concluímos que, na maioria das brincadeiras analisadas, as contingências presentes são prazerosas e favorecem o ensinamento de novas habilidades e comportamentos para a criança, ampliando seu repertório comportamental e a aquisição e aprimoramento de diversas funções fundamentais para o seu desenvolvimento.

Além disso, as brincadeiras analisadas neste trabalho apareceram como ricas possibilidades de cunhas comportamentais, uma vez que oferecem novos ambientes e aprendizados para as crianças. A maioria se mostrou importante para a aquisição de

repertórios sociais, pois as crianças constroem vínculos, seguem regras e aceitam a participação das demais crianças.

As novas formas de brincar que surgem na sociedade (vídeo-game, computador), na maioria das vezes restringem o repertório comportamental, além de atenderem ao consumismo exacerbado. Levando em consideração o conceito de cunha comportamental exposto nesse artigo e as inúmeras possibilidades de ampliação do repertório que encontramos nas brincadeiras tradicionais, sugere-se que o educador pense nas funções dos novos brinquedos e nas brincadeiras para as crianças.

Espera-se que as análises realizadas neste trabalho possam ser aplicadas nos diversos contextos de acordo com as necessidades do público alvo. Tanto o psicólogo pode utilizar na intervenção clínica para substituição de comportamentos desadaptativos, como os educadores podem utilizar para trabalhar temas relevantes na atualidade e que podem afetar o desenvolvimento do indivíduo. De forma geral, a aplicação destas análises em diversos contextos infantis podem criar ocasiões para possibilitar o desenvolvimento da criança nos diversos ambientes, e a prevenção de comportamentos problemas.

É de fundamental importância produzir novas formas de trabalhar com crianças e, principalmente, buscar meios contextualizados que valorizem sua realidade. O comportamento de brincar é um recurso ideal para realização de pesquisas que favoreçam o aprimoramento do trabalho do psicólogo analítico-comportamental com crianças, pois a combinação da filosofia do behaviorismo radical e a ciência análise do comportamento contribuem para exploração de muitas contingências do brincar, além de permitir a programação de contingências para o ensino infantil, voltada para objetivos específicos. Sugere-se, portanto, que mais pesquisas que explorem a regionalidade de recursos, como essa, sejam realizadas no campo analítico-comportamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, G.; DEL VALLE, B. E. (2005). Ludoterapia cognitivo-comportamental. Em CABALLO, V. E.; & SIMON, M. A. (Orgs.), **Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente: Transtornos específicos**. São Paulo: Santos, 2005, p. 447-460.

ANTUNHA, E. L. G. “Jogos sazonais”-Coadjuvantes do amadurecimento das funções cerebrais. In: OLIVEIRA, V. B. (Org.). **O Brincar e a Criança do nascimento aos seis anos**. 9ª Ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2010, p.13-32.

BANACO, Roberto Alves. O acesso a eventos encobertos na prática clínica: um fim ou um meio? **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v.1, n.2. 1999.p.135-

142. Disponível em: <<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/279/219>>. Acesso em: 30 out. de 2011.

BENVENUTI, M. F. L.; CARVALHO NETO, M. B. Comportamento operante: seleção, contigüidade e contingência. In: TOURINHO, E. Z.; LUNA, S. (Org.). **Investigações Históricas, Conceituais e Aplicadas em Análise do Comportamento**. 1 ed. São Paulo: Roca, 2010, v. 1, p. 15-36.

BIJOU, S. O que a psicologia tem a oferecer à educação - agora! Inc. Tradução realizada por RODRIGUES, M, E.; PRADO, P. S T.; BITTAR, E, G. Revisor da tradução: SOUZA, D, G. Artigo originalmente publicado em 1970 no *Journal of Applied Behavior Analysis*, 3, 65-71. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento / brazilian journal of behavior analysis**, vol. 3, nº2, 2006.p. 287-296. . Disponível em: <http://www.rebac.unb.br/vol2_2/rebac_bijou_2006.pdf>. Acesso em: 15 Out. 2011.

BOMTEMPO, E. Brincar, fantasiar e aprender. **Temas em Psicologia**, v.7, n.1, 1999. p.51-56,. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v7n1/v7n1a05.pdf>>. Acesso em: 20 Ago. 2011.

BRETAS, J, R, S.; PEREIRA, S, R.; CINTRA, C. C.; AMIRATI, K.M. **Avaliação de funções psicomotoras de crianças entre 6 e 10 anos de idade**. Acta paul. enferm. [online]. vol.18, n.4, 2005.p. 403-412. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v18n4/a09v18n4.pdf> > Acesso em:17 out. 2011.

CARMO, J, S.; HABER, G, M. O fantasiar como recurso na clínica comportamental infantil. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v.9, n.1. 2007.p.45-61. Disponível em: <<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/145>>. Acesso em: 11 Out. 2011.

DE ROSE, J. C.; GIL, M. S.C .A. Para uma análise do brincar e de sua função educacional. In: BRANDÃO , M. Z. S.; CONTE, F. C. S.; BRANDÃO ,F. S.; INGBERMAN, I.; MOURA , C. B.; SILVA, V. M.; OLIANE,S. M. (Org.). **Sobre comportamento e cognição**. A história e os avanços, a seleção por consequências em ação. V. 11. Santo André: ESETEC, 2003. p. 373-382.

DE-FARIAS, A.K. C. R. Comportamento Social: Cooperação, Competição e Trabalho individual.. In: ABREU-RODRIGUES, J.; RIBEIRO, M. R.. (Org.). **Análise do Comportamento: Pesquisa, Teoria e Aplicação**.. 1 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2005. p.265-282.

DEL PRETTE, G. **Terapia analítico-comportamental infantil: relações entre o brincar e comportamentos da terapeuta e da criança**. 2006. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.nucleoparadigma.com.br/mac/upload/arquivo/3Mestrado_Del_Prette_G.pdf> Acesso em: 5 Ago. 2011.

EMIDIO, L. A. S.; RIBEIRO, M, R.; DE-FARIAS, A. K. C. R. Terapia infantil e treino de pais em um caso de agressividade. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e**

Cognitiva, Campinas-SP, v.11 n.2, 2009.p.366-385. Disponível em:
<www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/download/410/304>. Acesso em:22 Set. 2011.

FIGUEIREDO FILHO, J. **Folguedos Infantis Caririenses**. Coedição Secult/edições URCA. Fortaleza: Edições UFC, 2010 (Ed.or.1966).

GADELHA, Y. A. I; MENEZES, N. Estratégias lúdicas na relação terapêutica com crianças na terapia comportamental. **Univ. Ci. Saúde**, Brasília, v. 2, n. 1, 2004. p. 57-58. Disponível em:
<<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/cienciasaude/article/viewFile/523/344>>. Acesso em: 12 Set. 2011.

Gil, M.S.C.A.; DE ROSE, J.C. Regras e contingências sociais na brincadeira de crianças. In: BRANDÃO , M. Z. S.; CONTE, F. C. S.; BRANDÃO ,F. S.; INGBERMAN, I.; MOURA , C. B.; SILVA, V. M.; OLIANE,S. M. (Orgs.), **Sobre comportamento e cognição**. A história e os avanços, a seleção por conseqüências em ação (Vol. 11). Santo André, SP: Esetec, 2003, p. 383-389.

GUEDES, M. L. Equívocos da terapia comportamental. **Temas em Psicologia**, n.2, 1993.p.81-85. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v1n2/v1n2a11.pdf>>. Acesso em:28 Set. 2011.

GUERRELHAS, F.; BUENO, M.; SILVARES, E. F. M. Grupo de ludoterapia comportamental x Grupo de espera recreativo infantil. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, 2000.p.157-169. Disponível em:
<<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/298/238>>. Acesso em: 5 Ago. 2011.

MARÇAL, J. V. S. Behaviorismo radical e prática clinica.In: Ana Karina C.R. de-Farias e colaboradores. **Análise do comportamento clinica**: aspectos teóricos e estudos de caso. Porto Alegre: Artemed, 2010. p.30-48.

MATOS, M. A. Análise funcional do comportamento. **Estudos de Psicologia**, Natal, 1999. p. 8-18.

MEDEIROS, C. A; MOREIRA, M. B. Aprendizagem pelas conseqüências: o controle aversivo. In: **Princípios básicos da análise do comportamento**. Porto Alegre, Artemed, 2007, p.63-84.

MEYER, S. B. Análise funcional do comportamento. In: COSTA, C. E.; LUZIA, J. C.; SANT'ANNA ,H. H. N. (Org.). **Primeiros Passos em Análise do Comportamento e Cognição**. 1 ed. Santo André: ESETEC, 2003, p. 75-91.

MOURA, C. B.; GROSSI, R.; HIRATA, P. Análise funcional como estratégia para a tomada de decisão em psicoterapia infantil. **Estud. psicol. (Campinas)** [online]. vol.26, n.2, 2009. p. 173-183. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n2/05.pdf>>. Acesso em: 3 Set. 2011.

MOURA, C. B.; VENTURELLI, M. B. Direcionamentos para a condução do processo terapêutico comportamental com crianças. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental**

e **Cognitiva**, 2004.p. 17-30. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v6n1/v6n1a03.pdf>>. Acesso em: 14 Jul. 2011.

NENO, S. Análise Funcional: Definição e Aplicação na Terapia Analítico-Comportamental.

Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva. Vol. 5, nº 2, 2003.p.151-165.

Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v5n2/v5n2a06.pdf>>. Acesso em: 15 Ago. 2011.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa- Características, usos e possibilidades. **Cadernos de Pesquisa em Administração**. São Paulo, V.1, N°3,1996. Disponível em:

<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2011.

OLIVEIRA, G. C. **Psicomotricidade**: Educação e Redução num enfoque psicopedagógico. 14 ed. Petrópolis- RJ, Vozes, 2009.

SILVARES, E. F. M.; SILVEIRA, J. . Condução de atividades lúdicas no contexto terapêutico: um programa de treino de terapeutas comportamentais infantis. In: BRANDÃO, F. S.; INGBERMAN, Y.; MOURA, C.B.; SILVA, V. M.; OLIANE, S. M.. (Org.).

Comportamento & Cognição, v. 11. Santo André: Esetec, 2003, p. 272-284.

SKINNER, B. F. Seleção por consequências. Tradução de CANÇADO, C. R. X.; SOARES , P. G.; CIRINO, S. Artigo originalmente publicado na **Revista Science**, [Skinner, B.F. (1981).

Selection by consequences. *Science*, 213, 501-504]. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. v. 9, nº 1, 2007. p. 129-137.

SOUZA, D. G. O conceito de contingência: um enfoque histórico. **Temas em Psicologia da SBP**, v.8, n.2, 2000. p.125-136. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v8n2/v8n2a02.pdf>>. Acesso em:18 out. 2011.

SOUZA, D. G. O que é contingência? .In: BANACO, R. A.(Org.). **Sobre o comportamento e cognição** – Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitiva, v. 1. Santo André, SP: ESETec, 2001, p.85 -89.

TODOROV, J. C. Quem tem medo de punição?. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. v. 3, nº 1, 2001. p. 37-40. Disponível em:

<<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/304/244>>. Acesso em:4 de out. 2011.

VASCONCELOS, L. A.; SILVA, C. C.; CURADO, E.M.; GALVÃO, P. Branca de Neve e os Sete Anões: Explorando comportamentos emocionais. In: VASCONCELOS, L. A. (Org.).

Brincando com histórias infantis: Uma contribuição da Análise do Comportamento para o desenvolvimento de crianças e jovens. 2a ed. Santo André, São Paulo: Esetec, 2008, v. 1, p. 23-49.

VASCONCELOS, L. A. Terapia analítico-comportamental infantil: Alguns pontos para reflexão. In: GUILHARDI, H. J. (Org.), **Sobre comportamento e cognição**: Expondo a variabilidade. Vol. 7. Santo André: ESETec, 2001, p. 340-349.

VASCONCELOS, L. A.; NAVES, A. R. C. X.; ÀVILA, R. R.. Uma abordagem analítico-comportamental do desenvolvimento. In: TOURINHO, E. Z.; LUNA, S. (Org.).

Investigações Históricas, Conceituais e Aplicadas em Análise do Comportamento. 1 ed. São Paulo: Roca, 2010, v. 1, p. 126-151.

VIVA, H. I.O que é ser o terapeuta comportamental numa visão skinneriana. Dissertação de mestrado. **Pontifca Universidade católica de São Paulo.** Programa de Estudos Pós-graduação em psicologia Experimental: Análise do comportamento. São Paulo, 2006. Disponível em:< www.cipedya.com/web/FileDownload.aspx?IDFile=157252>. Acesso em: 8 Set. 2011.

WIELENSKA, R. C. Alguns limites ambientais da psicoterapia. In: RANGÉ, B. (Org.). **Psicoterapia Comportamental e Cognitiva dos Transtornos Psiquiátricos.** 1 ed. Campinas: Editorial Psy, 1995. p. 275-278.